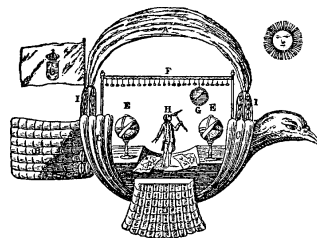
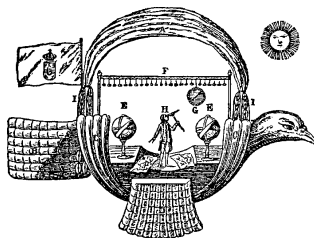
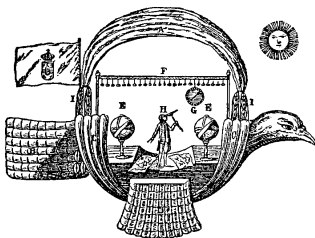


inéditos



O Judeu Errante de José Régio (Uma peça inacabada)

Maria Isabel Cadete Novais*

* Biblioteca Nacional de Lisboa.

Entre os vários trabalhos inacabados de José Régio, existentes no acervo documental preservado em Vila do Conde, conta-se uma obra dramática intitulada *O Judeu Errante* cujo material genético disponível, deixa transparecer que estamos perante a produção de uma obra com contornos ainda pouco definidos, dado que não existem outros vestígios, para além de algumas breves referências em cartas a amigos, como é o caso do excerto da carta enviada a Eugénio Lisboa, em 12 de Abril de 1967:

No Sanatório, tentei escrever e não levava nada para diante. Valeram-me os desenhos, que me foram então o que me eram dantes os poemas: uma distração, uma companhia, um desabafo, uma confissão, uma brincadeira séria... Estou, agora, tentando principiar o 6º volume de *A Velha Casa*, mas o entusiasmo é pouco. E também tento uma nova peça, da qual nada digo porque bem pode dar em nada.¹

Devido a problemas graves de saúde, José Régio esteve internado no Sanatório do Lumiar, em Lisboa, onde permaneceu durante cinco meses, entre Novembro de 1966 e Março de 1967. Pelas datas do testemunho C, «Lisboa, 15/2/67» e «Março de 1967, Lisboa», o trabalho a que se refere no excerto transcrito diz, seguramente, respeito à peça *O Judeu Errante*.

Dois anos mais tarde, numa outra carta, enviada a Adolfo Casais Monteiro, em 23 de Abril de 1969, continua a referir que tem em mãos um texto dramático:

¹ Carta enviada pouco depois de ter saído do *Sanatório Rainha Dona Amélia*.

Nos intervalos mais tranquilos, estou escrevendo o 6º volume de *A Velha Casa* (suponho que você terá recebido o 5º), uma nova peça de teatro, e, finalmente, a *Confissão dum Homem Religioso*.

Considerando que, durante o tempo decorrido entre estas cartas, apenas escreveu as catorze páginas existentes desta peça (pelo menos, de que há conhecimento), parece-nos pouco provável que se tratasse do mesmo texto, tanto mais que existe, entre outros projectos dramáticos não datados e em fase embrionária, duas peças, uma com trinta e oito páginas autógrafas, escritas a caneta de aparo, a que deu o título de *Sou um Homem Moral*, a qual apresenta a anotação autógrafo «primeiro rascunho começado em 24/6/940», e uma outra de dimensão muito mais reduzida (apenas duas páginas escritas a esferográfica) e sem qualquer datação, intitulada *O Homem Feliz*.

Também no prefácio à *Confissão dum Homem Religioso*, escrito em 1971, Orlando Taipa, um dos amigos de tertúlia de Régio, afirma o seguinte:

Em Setembro, iniciou a redacção do sexto volume de *A Velha Casa*, logo interrompida, durante o ano de 1968, pelo novo livro de poesia *Cântico Suspenso*. Ruminava algumas peças de teatro – *O Santo à Força*, *O Judeu Errante* e uma outra a que ainda nem dera nome.²

Não temos qualquer conhecimento da existência da peça a que Orlando Taipa se refere com o título *O Santo à Força*. Porém, em relação à outra sem título, poderá tratar-se de *O Homem Feliz*, visto apresentar o título escrito a esferográfica vermelha (o que poderá ser indício de ter sido atribuído posteriormente); além disso, analisado o manuscrito, concluímos apresentar este um aspecto próximo de outros textos trabalhados na década de 60. De qualquer modo, depreendemos que estas peças nunca terão chegado a atingir grande expressão no espírito de Régio, provavelmente por excessivo trabalho em mãos com prioridade sobre estes projectos, situação que, entretanto, se veio a agravar devido ao estado de saúde precário que acabou por vitimar o escritor, em Dezembro de 1969.

Tanto os três títulos de projectos dramáticos como os seus conteúdos embrionários nos remetem para um *topus* comum na obra regiana; um deles sobressai, todavia, do conjunto. Trata-se do manuscrito de *O Judeu Errante* que nos merece uma atenção particular pelo que contém de significativo na globalidade e simultaneamente, na síntese da sua obra, em especial da sua dramaturgia.

À semelhança de todas as suas peças de teatro, também esta nos leva a pensar que se iria desenrolar sob a grande temática regiana caracterizada por um

² *Confissão*, p. 10.

constante jogo da verdade intelectualizada, da incomunicabilidade dos homens, por uma busca de entendimento entre o Eu e o seu duplo e entre o Eu e o mundo hostil circundante. Pela classificação dada à peça de “comédia-drama” ou melhor, de “farsa dramática” se depreende a presença de uma dualidade contrastiva reafirmada no diálogo dos personagens José Vicente, jornalista e autor dramático, e o enigmático Judeu Errante, personagem de fundo histórico-religioso, situado entre a realidade e a lenda, figura que dá corpo a mais uma versão do drama do homem condenado a expiar as suas culpas até ao fim da Humanidade, com o objectivo de se converter no Homem Novo regenerado e defensor de novos ideais. Neste personagem sem identificação nem idade, sobressaiem valores de harmonia, amizade e sabedoria que fazem com que não se confunda com qualquer outro ser, pois encarna o arquétipo do género humano, acima de qualquer ordem social.

Embora os diálogos sejam ainda pouco consistentes, permitem apercebermos-nos da existência de dois tipos de conflito:

- O conflito Eu/Meio, centrado no personagem José Vicente, um ser frustrado pela incompreensão e rejeição do meio social dominador e despersonalizador. Este encontra em Guilherme, seu companheiro de quarto e único amigo, o confidente com quem desabafa os traumas de um jovem autor dramático rejeitado pelos editores e pela crítica. O diálogo entre ambos trava-se, por vezes, de forma inconsequente dando a sensação de um monólogo interior redundante, próprio de um espírito inquieto e torturado que procura em Guilherme as respostas às suas inquietações, como se se tratasse do desdobramento do seu próprio Eu. Esta noção acentua-se quando se compara o mesmo diálogo presente no testemunho **A** e se constata que a atitude crítica dos personagens se inverte, dando assim origem à circularidade do discurso.
- O conflito Eu/Mundo, transferido este para a figura do Judeu Errante que busca a regeneração do ser humano. Pelo breve diálogo com José Vicente, adivinha-se que a relação com todos os outros personagens seria numa base do entendimento humano, de modo a respeitar e a valorizar o que cada indivíduo possui de verdadeiramente genuíno. Pela estruturação da peça apresentada no testemunho **B**, conclui-se que o Judeu Errante seria um personagem central que deveria dialogar com todos ou quase todos os intervenientes, (exceptuam-se as Criadas e o Agente da Polícia), o que seria provável se o autor tivesse chegado a um estádio mais elaborado da obra. Sendo, pois, o personagem aglutinador para a transferência da mensagem, ele mantém-se misterioso e enigmático até ao final da peça, ou seja, o momento em que é desvendada a sua identificação.

Esta peça não passa de um dos diversos projectos que José Régio deixou inacabados. Porém, revela-nos um facto muito importante – mostra-nos que a

temática que durante toda a vida de escritor o absorveu e sobre a qual desenvolveu a maior parte da sua obra estava ainda longe de estar esgotada e continuava a perturbar-lhe o espírito, pouco tempo antes da sua morte.

Descrição do dossier genético:

O dossier genético contém apenas três testemunhos: **A** [cotas 238.1-2], **B** [cota 238.3] e **C** [cotas 238.4-21]:

- testemunho **A**, escrito a lápis com correcções autógrafas, em papel comercial de quadrícula alongada, apenas ocupa uma página e meia e apresenta uma construção ainda embrionária do início do 1º acto, contendo indicações cénicas sumárias e um diálogo simplificado entre dois personagens.
- testemunho **B**, ocupa pouco mais de meia página de papel branco de desenho e está escrita, tal como o testemunho anterior, a lápis com correcções autógrafas, contendo a lista dos personagens, denominados pelo autor de “figuras” e, em resumo, as estruturas dos três actos da peça. Pelo seu conteúdo esquemático e pela visão de conjunto que permite ter de toda a peça, discordamos da classificação atribuída a este testemunho, que nos parece que deve ter sido elaborado antes do testemunho classificado com a letra **A**, o qual se nos afigura como um ensaio para aquilo que o autor designa de primeira redacção. Trata-se, pois, a nosso ver de um erro de classificação do manuscrito.
- testemunho **C**, escrito a esferográfica azul, com correcções autógrafas, ocupa 18 folhas de papel semelhante ao do testemunho **A** (comercial de quadrícula alongada). Apresenta um estágio do processo de escrita mais avançado, pois já contém título, *O Judeu Errante*, subtítulo, *Farça dramática em 3 actos*, com a variante riscada, *comédia - drama*, e ainda a indicação do local e data do início do manuscrito, *Lisboa, 15/2/67*. Trata-se de um autógrafo mais trabalhado, a que Régio habitualmente designava de primeira redacção, com uma longa didascália, onde é contextualizada a acção dramática, descritos os personagens que deveriam entrar no 1º Acto e feita a descrição do cenário, o qual, segundo o autor deveria ser igual para os restantes actos.

Estamos perante um dossier genético constituído por um reduzido número de testemunhos de escassas dimensões. Contudo, é possível ter uma ideia da estrutura da totalidade da peça, dos personagens intervenientes e do modo como se movimentariam no decorrer de cada acto. Todos estes elementos estão contidos de forma esquemática no testemunho **B** e são de extrema utilidade para a compreensão da sequência das cenas e do destaque que cada personagem alcança na peça. Por esse facto, transcrevemos, do referido autógrafo, os textos relativos à estrutura dos três actos:

«1º Acto — Diálogos — cena muda: Judeu e Amigo. Entra o Autor — Diálogo entre o Autor e o Amigo. Intervém o Judeu — Diálogo entre o Judeu e o Autor. Entra a Dona da Casa (apresenta o Judeu, sem reparar que o A. e ele já se conheciam) — Entra a Velha e a Sobrinha. Entram o Sábio e o Discípulo. (Apresentação a estes do novo hóspede). Fala do Judeu.

2º Acto — Diálogos — O Judeu e a Velha (entra a Sobrinha que é mandada embora pela Velha) — Entra o Velho Sábio, acompanhado do Discípulo (o Judeu convida o Discípulo a sair). Conversa entre os três. Entra a Dona da Casa. Conversa entre os quatro — saem todos. Entra o Discípulo. Entra, depois, a Sobrinha, que logo vai sair. O Discípulo convida-a a ficar. Conversa entre os dois (rápida e reticente). Entra o Judeu. Conversa dos três. Regressam a Dona da Casa, a Velha e o Sábio, que não chegam a falar, pois cai o pano.

3º Acto — A Velha e a Sobrinha (estão em cena) conversam. Entra o Sábio. Conversam os três. Entra o Discípulo, que é despedido pelo Sábio. Conversam outra vez os três. O Sábio chama o Discípulo. Entra o Judeu Errante. Mandam embora os dois jovens. Conversam os três. Entra a Dona da Casa. Conversam os quatro. O Judeu sai. Entra o Polícia. Pede para conversar sozinho com a Dona da Casa (identificação do Judeu Errante).»

•Lista das personagens e testemunhos em que ocorrem.

Personagens	Testemunhos		
Autor Dramático (José Vicente)	A	B	C
Amigo (Guilherme)	A	B	C
Judeu Errante	A	B	C
Dona da Casa (Menina Adelaidinha)		B	C
A Velha Rica (D. Preciosa)		B	C
A Sobrinha (Maria Inês)		B	C
O Velho Sábio (Dr. Marcelo)		B	C
O Discípulo (Miguel)		B	C
A Velha Criada (Ricardina)		B	C
A Jovem Criada (Rosária)			C
O Agente da Polícia		B	

Quanto aos critérios adoptados neste trabalho, optámos por seguir a ortografia do autor, pondo em *itálico* todos os nomes dos personagens quando, por esquecimento, os não sublinhou.

Nesta abordagem da peça, não se pretende fazer uma edição genética deste autógrafo, mas apenas fornecer ao leitor a forma mais limpa do texto saído das mãos do autor. Neste caso, dado que não existe uma forma acabada, resta-nos organizar criticamente os fragmentos para deles tirarmos algum fio organizativo

do texto. Assim, transcrevemos a última versão do autor, remetendo para aparato genético, onde são registados, lugar a lugar, todos os riscados, acrescentos e substituições. Desta forma, o leitor tem a possibilidade de acompanhar a escrita em processo, fazendo o cotejo dos lugares textuais alterados com a versão escolhida pelo autor.

Quanto às ocorrências registadas nos aparatos, verifica-se que as correcções são essencialmente de dois tipos – as substantivas, ou seja, as mais profundas que têm a ver essencialmente com a estruturação das ideias e o enriquecimento da linguagem; e as adjectivas que incidem sobretudo a nível da pontuação e ritmo das frases.

Símbolos utilizados:

< >	riscado
< ‡ >	riscado ilegível
??]	acrescento
?-]	acrescento na sobrelinha
?~]	acrescento na sublinha
[@]	acrescento na margem direita
[¬]	acrescento na margem esquerda

Lisboa, Abril/2000

O JUDEU ERRANTE

FARÇA DRAMÁTICA³ EM 3 ACTOS

A cena representa uma sala, chamemos-lhe sala de estar, na Pensão familiar⁴ da *Menina Adelaidinha*. A *Menina Adelaidinha* é uma velha remediada, solteira, que por ter ficado solteira conserva sempre esse apelativo da juventude. Tendo ficado sem parentes, criou essa Pensão não por necessidades financeiras, mas para se ver acompanhada e ocupar o seu tempo. Cheia de vida apesar dos sessenta e muitos⁵, ama o convívio, o trabalho e o movimento⁶. Não lhe bastaria, pois, a companhia da fiel⁷ *Ricardina*, sua cozinheira de há muitos anos,⁸ ainda um pouco mais velha do que ela. Ricardina é actualmente ajudada pela jovem *Rosária*, que se ocupa do arranjo dos quartos e outros serviços da casa. Os hóspedes do segun-

³ < comédia-drama > [Farça dramática]

⁴ Pensão [familiar]

⁵ apesar dos < anos, > [sessenta e < tantos, > muitos,]

⁶ convívio < e o movimento > [, o trabalho e o movimento]

⁷ companhia da < sua dedicada > [fiel]

⁸ anos, < ‡ > ainda

do andar são: *D. Preciosa*, que é rica e já passa dos setenta;⁹ a jovem *Maria Inês*, sua afilhada, que não só dorme no quarto da madrinha como¹⁰ a companha quase constantemente; o velho *Dr. Marcelo*, professor universitário aposentado, célebre pelos seus livros de filosofia. Ignorados ou incompreendidos durante muitos anos, esses livros foram descobertos pelas gerações mais jovens¹¹ e considerados precursores das modernas tendências pessimistas. O *Dr. Marcelo* bem poderia ter casa¹² sua e viver com¹³ mais conforto ou luxo.¹⁴ Preferiu, no entanto, acolher-se a esta Pensão modesta, onde se esquia aos¹⁵ inconvenientes da celebridade.¹⁶ Refugiado numa solidão e num mutismo só quebrados pelo mais elementar convívio com os outros hóspedes,¹⁷ em favor do seu discípulo *Miguel* abre uma excepção. *Miguel*, que tem pelo mestre uma admiração fervente,¹⁸ frui o privilégio da sua intimidade,¹⁹ recolhe devotamente os seus pensamentos mais recentes, e sonha continuar um dia a sua obra e contar a história dos seus últimos tempos. Vive no quarto ao lado, mas acompanha o mestre quase tão constantemente como *Maria Inês*²⁰ acompanha sua madrinha *D. Preciosa*. Só sai para ir às²¹ aulas,²² quando vai, pois é estudante da Universidade. No mesmo andar há ainda um quarto, que tem estado vazio, mas que *Menina Adelaidinha* já anunciou ir²³ ser ocupado por um novo hóspede. Na parte superior da casa, numa espécie de sótão, vivem dois rapazes pobres: *José Vicente* e *Guilherme*²⁴. *José Vicente* ganha dificilmente a sua vida como jornalista, mas também escreve peças de teatro e sonha vir a ser célebre como autor dramático. *Guilherme*²⁵ é estudante de Letras na Universidade, e tira²⁶ o seu curso à custa de explicações mal pagas.

Na sala representada reúnem-se às vezes os hóspedes, alguns tomam aí o pequeno almoço ou os leites ou chás da noite, porque se janta bastante²⁷ cedo em casa da *Menina Adelaidinha*. Esta sala é o cenário único da peça. Tem, ao fundo,

⁹ <Maria Alice> [<Maria Inês>]

¹⁰ madrinha <mas> [como]

¹¹ pela<s> [s] <geração> [gerações] mais <recentes> [jovens]

¹² <viver> [ter casa]

¹³ <muito> com

¹⁴ <comodamente> [conforto ou luxo]

¹⁵ <dos> [aos]

¹⁶ celebridade<; e o refugio> [. Refugiado]

¹⁷ <seus companheiros de casa, a> [outros hóspedes,]

¹⁸ <goza> [frui]

¹⁹ <sonha contar um dia a história dos seus últimos anos e continuar a sua obra.> recolhe

²⁰ <Alice> [Inês]

²¹ <suas> aulas,

²² <na universidade> quando

²³ ir <oc> [ser] ocupado

²⁴ <Laurentino> [Guilherme]

²⁵ <Laurentino> [Guilherme]

²⁶ <vão> tira<ndo>

uma janela de sacada que dá para um pequeno quintal, com portadas interiores de cima a baixo. À²⁸ esquerda, há duas portas: A primeira (mais perto da boca de cena) comunica com a sala de jantar, que, por sua vez, é contígua à²⁹ cozinha. A segunda abre³⁰ para interiores da casa, e supõe-se que é aí o quarto da *Menina Adelaidinha* e o das suas criadas. À³¹ direita há uma escada de corrimão, com um pequeno patamar a meio, que sobe para o segundo andar. À boca de cena, uma porta para a escada da rua. Todo o arranjo da sala é burguês e banal, antiquado, mas oferecendo um certo aspecto de intimidade confortável. À esquerda, entre as duas portas, um grande armário envidraçado. A meio da casa, uma grande mesa redonda coberta por um velho pano. Junto de esta mesa, dois pequenos *maples* protegidos por camisas de linho. Um é de uso particular³² de *D. Preciosa*, que antes de se deitar costuma tomar³³ aí o seu chá de cidreira. Descer para as refeições (quando as não toma no quarto) e depois subir — é quase todo o exercício a que se condena *D. Preciosa*, por o médico lhe haver recomendado algum exercício. Como é extremamente devota, ainda se sacrifica a ir à missa uma vez por mês. O outro *maple* destina-se especialmente³⁴ ao *Dr. Marcelo*, que aí lê os seus jornais da manhã ou, às vezes, os da noite, quando se digna demorar-se nesta sala comum. Em volta da mesa, ou um pouco espalhadas pela sala, há também cadeiras simples. Um vago ar de estranheza paira por todo este ambiente, mas³⁵ que ao mesmo tempo se torna familiar, como se apenas resultando³⁶ do ar antiquado que nele se respira. A mesma subtil extravagância transpira dos gestos e falas das personagens, excepção aberta para *José Vicente* e *Laurentino* [*Guilherme*]. Estes são os únicos seres da Pensão que parecem³⁷ mais ou menos normais.

José Vicente entra pela porta da direita, com uma pasta³⁸ debaixo do braço. Atira a pasta para cima da mesa e senta-se.

*Guilherme*³⁹ - Então?

José Vicente - A mesma história. O que eu já esperava.

*Guilherme*⁴⁰ - O homem também não quer a peça?

²⁷ <muito> [bastante]

²⁸ <Há à> [A]

²⁹ <comunica com> [é contígua à]

³⁰ <das> ?abre]

³¹ <esquerda> [Direita]

³² <exclusivo> [particular]

³³ <descer a> tomar

³⁴ <especialmente destinado> [*maple* destina-se especialmente]

³⁵ mas <tão subtil> que

³⁶ resulta<sse> [ndo]

³⁷ parecem <perf> mais

³⁸ <pequena> pasta

José Vicente - Também não.

Guilherme - Mas que disse? Tu tinhas certa esperança neste! É um empresário mais culto, mais ousado, que tem levado teatro moderno...

José Vicente - mais culto! mais ousado! que tem levado teatro moderno!...

Guilherme - Era o que dizias.

José Vicente - A gente tem de se agarrar a qualquer esperança! de teimar e lutar, apesar de tudo. E até se faz pateta, e esquece as experiências anteriores. Afinal para quê?, lutar para quê? Eles são todos o mesmo, os empresários! e os críticos, o mesmo!⁴¹ os camaradas, o mesmo! o público sempre o mesmo! Querem mas é ganhar dinheiro⁴² e reputação: ganhar⁴³ dinheiro facilmente, adquirir facilmente uma boa reputação... E o público vai ao teatro mas é para rir ou chorar sem consequências; para se distrair; para esquecer os seus mesquinhos⁴⁴ problemas; para passar o serão; para fazer a digestão do jantar...⁴⁵ (Levantou-se, e passeia agitadamente à boca de cena).

Guilherme - Eh, o que aí vai! Mas não achas que tudo isso também é natural?⁴⁶

José Vicente - Também.⁴⁷ Mas o teatro é arte! E eu sou um artista, um poeta, um criador...

Guilherme - Já está provado?

José Vicente - Ah, também tu?

Guilherme - Cala-te. Bem sabes que só duas pessoas no mundo acreditam no teu talento⁴⁸.

José Vicente - Duas pessoas...?

Guilherme - Tu e eu.⁴⁹

José Vicente - Se somos tão poucos, de nada valem falsas modéstias: Escusas de falar no meu talento! Podes falar no meu génio.

Guilherme - Talvez.⁵⁰ No fim de contas, quem é que não tem génio?

José Vicente - Achas que toda a gente tem génio?⁵¹

³⁹ <Laurentino, erguen> [Guilherme —]

⁴⁰ <Larentino> [Laurentino]

⁴¹ mesmo! <e o público sempre o mesmo> os camaradas,

⁴² <‡>

⁴³ <mas> ganhar

⁴⁴ <pequenos> [mesquinhos]

⁴⁵ <Ora eu sou um artista! Sou um criador!>

⁴⁶ <Eh, o que aí vai! Mas afinal que te disse o homem? que razões deu?> [Eh, o que aí vai! Mas não achas que tudo isso também é natural?]

⁴⁷ <Talvez seja natural.> [Também.]

⁴⁸ <de dramaturgo>

⁴⁹ <Sim, t> [T]u e eu.

Guilherme - Decerto. O génio com que nasceu cada um, por ser o que lhe convém.⁵² O génio que Deus deu a cada um.

José Vicente - Já te devia conhecer!⁵³ Inútil querer desabafar contigo, tentar conversar contigo...

Guilherme - Desabafa, meu rapaz. Continua⁵⁴.

José Vicente - Sim, caio sempre na mesma parvoíce. Como tu recais nas tuas *blagues*,⁵⁵ nos teus paradoxos... aliás sem originalidade nenhuma. Quando a gente chega desesperado, e precisa de um amigo...

Guilherme - Bem sabes que sou o teu único amigo.⁵⁶

José Vicente - Infelizmente. (num súbito desânimo:) Além de ti só tenho minha mãe, uma pobre mulher que cedo ficou inválida⁵⁷. Po ela queria eu ganhar dinheiro e fama...

Guilherme - Dinheiro e fama? tu⁵⁸ também...?! E só por ela?

José Vicente - Pois está claro! Eu também, dinheiro e fama! E não só por minha mãe, também por mim. Também eu desejo⁵⁹ dinheiro e fama! Não é como queres que te fale?

Guilherme - A tua mãe pode convir o teu dinheiro. Quanto à fama...

José Vicente (senta-se, novamente abatido): - Tens razão, que pode já importar-lhe a minha fama? Está velha antes do tempo, sofreu grandes desgostos... e foi sempre uma criatura simples. Passa ainda necessidades, porque eu não ganho o suficiente para nós ambos. Para lhe dar, ao menos a ela, uma vida confortável. Está morta... morta em vida. Como interessar-se⁶⁰ uma criatura assim pela fama dum filho? Sou eu, era eu que queria dizer-lhe: «Pode orgulhar-se⁶¹, mãe! o seu filho é um homem célebre! A mãe é mãe de um grande artista⁶², e o mundo vai decorar⁶³ o seu nome. Era eu que queria tentar reanimá-la, procurar insuflar ainda um pouco de vida nesse corpo e nesse espírito exaustos...⁶⁴

⁵⁰ Talvez <possa>.

⁵¹ Achas que <sim?> [toda a gente tem génio?]

⁵² O génio <que convém a cada um> [com que <cada> nasceu cada um, por ser o que lhe convém.]

⁵³ <Inútil> Já te devia conhecer!

⁵⁴ Continua <a desabafar>

⁵⁵ <E> [Como] tu recais <sempre> nas tuas *blagues*,

⁵⁶ amigo<!> [.]

⁵⁷ <sem poder trabalhar> [inválida]

⁵⁸ tu <também>

⁵⁹ Também eu <quero> <†> <ganhar> [desejo] dinheiro

⁶⁰ Como <pode> interessar-se

⁶¹ <Orgulhe-se> [Pode orgulhar-se]

⁶² A mãe <deu vida a um> [é mãe de um] grande artista

⁶³ <conhecerá> [vai decorar]

*Guilherme*⁶⁵ (levanta-se e vai para ele:) - Bem! não vais agora choramingar.

José Vicente (num grito de raiva:) - Ah, não! descansa. (pequeno silêncio entre os dois. José Vicente recomeça a falar noutro tom:) E desculpa. Bem sabemos que a sentamentalidade não está na moda⁶⁶; não condiz com as pretensões de um autor moderno.

Guilherme (brandamente:) - Desculpa tu.⁶⁷ Precisas às vezes de uma pequena chicotada. Mas olha que pode ser uma sabedoria, não ligar⁶⁸ demasiada importância à celebridade de um filho; ou um artista, um poeta, um criador, à celebridade própria.

José Vicente - Sabe-se. Dizem-no eles, os que chegaram À glória! Os que ganham tanto dinheiro que já nem sabem que fazer-lhe. Tudo fizeram para conquistar a celebridade... tudo!⁶⁹ e para ganhar dinheiro; e depois dizem que o dinheiro não dá a felicidade, como dizem os pobres para se consolarem de o não terem. Também dizem que a glória é um fumo, um nada, e que a celebridade oferece grandes desvantagens. Tudo fizeram para chamar sobre si as atenções do mundo; mas depois refugiam-se nas suas opulentas casas-de-campo, às temporadas fugindo à curiosidade⁷⁰ do mundo. Às vezes até ensaiam suicídios frustrados, que vão aumentar a sua celebridade.

Guilherme - E que às vezes nem chegam a frustrar-se. Alguns matam-se mesmo.

José Vicente - O que só torna a sua celebridade ainda mais ampla⁷¹, e tinge de simpatia a curiosidade do público pelas⁷² suas personalidades nevróticas.

Guilherme - Vê-se que serás mais ou menos como eles. E és injusto para com alguns dos teus camaradas⁷³.

José Vicente (quase num grito, erguendo a cabeça para o amigo:) - Vê-se que mais ou menos serei como eles?!

Guilherme - Pelo menos,⁷⁴ entrevê-se. Não confessaste⁷⁵ que também desejas dinheiro e fama?⁷⁶

⁶⁴ <gastos...> [exaustos...]

⁶⁵ <—>

⁶⁶ <voga> [moda]

⁶⁷ <— Desculpa tu> [(brandamente:) — Desculpa tu.]

⁶⁸ <isso de> não ligar

⁶⁹ <;> [!]

⁷⁰ <às atenções> [à curiosidade]

⁷¹ <vasta> [ampla]

⁷² curiosidade <em volta pelas [em volta das]> [do público pelas]

⁷³ camaradas <,aqueles que em verdade chegaram à decepção>.

José Vicente - Não desejo só isso! Pode nem ser⁷⁷ o que mais desejo.

Guilherme - Mas falas como um vulgar moralista; ou melhor:⁷⁸ como um despeitado.

José Vicente - Talvez, já⁷⁹ não sei. Tudo isto é um nojo! Mas descansa!⁸⁰ descanse-mos ambos: sou português, escrevo numa língua sem prestígio internacional.⁸¹ Nunca o meu nome dará volta ao mundo, como o de tantos outros que não valem mais do que eu, mas representam grandes potências e conseguiram⁸² desencadear grandes reclames. As suas obras já chegam a qualquer parte precedidas do eco das⁸³ ovações e discussões... isso lhes assegura novos triunfos. Até algum nosso empresário é capaz de se mostrar moderno... ousado... e levar à cena qualquer obra de esses! de esses, porque⁸⁴ são estrangeiros e já célebres.⁸⁵ *O Judeu Errante* nem sequer consegue editor; o meu nome nem entre nós vale dois patacos. Todavia *O Judeu Errante* não merece menos interesses que muitas dessas peças.⁸⁶ Até pode ser uma verdadeira obra-prima. O que pode é não estar tanto na moda, - por ser verdadeiramente original. (Levanta-se, novamente agitado) Não achas? fala claro por uma vez! não achas que *O Judeu Errante* é uma peça fora de série? Tu preparas-te para a crítica literária...

Guilherme - Sim, uma peça fora de série. Mas no fim de contas⁸⁷ o que disse o homem?

José Vicente - Que é uma peça fora de série,⁸⁸ já mo tens concedido. Mas reservas-te, ficas reticente. Falamos muito sobre a peça; e nunca chego a conhecer⁸⁹ ao certo o teu juízo. Fora de série... não me exprimi bem;⁹⁰ não é isso que me

⁷⁴ < ‡ >

⁷⁵ confessaste < tu próprio >

⁷⁶ < Guilherme — Pelo menos... entrevê-se. Além de confessares [< Não confessaste >] tu próprio que também desejas dinheiro e < fama > [< celebridade; falas como um >] fama? Além disso, falas como um moralista; < mais explicitamente > [em miúdos]: como um despeitado >

⁷⁷ < Talvez não seja > [Pode nem ser]

⁷⁸ como um [vulgar] moralista[:] < vulgar; ‡ momentos > [ou melhor:]

⁷⁹ Talvez < ! J > [, j] já

⁸⁰ < , > [!]

⁸¹ escrevo < em > [numa] língua < portuguesa. > [sem prestígio internacional.]

⁸² < mas são representados em todas as capitais > [mas representam grandes potências e < souberam > conseguiram]

⁸³ < de grandes > [do eco das]

⁸⁴ < Mas > de esses, < que > [porque]

⁸⁵ < , e já célebres: > [e já célebres: ‡]

⁸⁶ < ... > [.]

⁸⁷ < — Sim, uma peça fora de série > [*Guilherme* — Sim, uma peça fora de série.] < Muitas vezes precisas que to diga? Mas no > [< No > Mas no] fim de contas

⁸⁸ < ... > [.]

⁸⁹ < fico sempre sem saber > [nunca chego a conhecer]

interessa! Até uma peça medíocre pode ser fora de série, ou parecê-lo, se cultivar certa extravagância...

Guilherme - Voltaremos a falar sobre as tuas peças inéditas.⁹¹ Agora perguntei-te o que disse o homem.

José Vicente - Qual homem?!

Guilherme - O empresário.

José Vicente - Que a peça estava muito bem escrita, que era muito filosófica, muito intelectual, muito interessante...

Guilherme - O que não teria era público.⁹²

José Vicente - Exacto. Aconselhou-me a tentar outra coisa;⁹³ a escrever outra peça:⁹⁴ Qualquer coisa no género do teatro de A ou B, autores que andam⁹⁵ hoje na boca e nos ouvidos de todo o mundo...

Guilherme - Não lhe disseste que tinhas outras?

José Vicente - Desci a isso! Mas fui-o prevenindo de que as⁹⁶ minhas outras peças eram mais ou menos como esta... eram minhas! Não imitavam as de A ou de B. E as que poderia vir⁹⁷ a escrever seriam na mesma... também minhas! também diferentes das de A ou B. Mas para quê? para quê escrever peças? para quê sonhar? Vale a pena viver? viver neste miserável tempo, no meio de esta miserável gente... dentro dum miserável presente sem futuro... Olha, queria já ser velho e estar às portas da morte!

Guilherme - Mas não és, Deus louvado. Suponho que ainda não fizeste trinta anos. E gozas de boa saúde. O que estás hoje é muito excitado. Poucas vezes te vi assim.

José Vicente - A gente cansa-se, não é?

Guilherme - Que dirias então⁹⁸ se já fosses velho! E não estás a ser muito coerente com as ideias da tua peça.⁹⁹ Tu achas que a vida é bela... que seria bela se não fosse a ameaça da morte. *O Judeu Errante* é o homem supremamente feliz, porque nasceu para não acabar senão quando acabarem¹⁰⁰ os séculos...

⁹⁰ <fui parvo> [não me exprimi bem:]

⁹¹ sobre <a tua peça; ‡ sobre> as tuas peças inéditas

⁹² <Mas não teria> [O que não teria era] público. <Não agradaria ao público.>

⁹³ aconselhou-me <a escrever outra peça, ‡> a tentar outr<o género> [a coisa:]

⁹⁴ outra<‡> peça<‡> :

⁹⁵ A ou B <que andam> [autores que andam]

⁹⁶ <todas> as

⁹⁷ vir <ainda>

⁹⁸ <então> [então]

⁹⁹ com as <tuas> ideias <... com a> [da] tua peça.

¹⁰⁰ senão <com o acabar> [quando acabarem]

(Neste momento, o homem que estava ao fundo, de costas para eles e voltado para as vidraças,¹⁰¹ levanta-se lentamente.¹⁰² Guilherme¹⁰³ esquecera essa¹⁰⁴ presença silenciosa. Na sua excitação, José Vicente nem dera por ela. O homem, que designaremos por Judeu Errante, vem vindo devagar até eles.)

Judeu Errante - Os senhores desculpem, ouvir a conversa e meter-me nela. Disseram aí coisas que me interessaram. *(Breve silêncio).*

José Vicente - ...Interessaram-lhe?

Judeu Errante - Tocam-me de perto.

Guilherme *(depois de outro breve silêncio embaraçado)* - Sim?... É curioso. Não esperávamos. Na¹⁰⁵ realidade, esquecemo-nos da presença aqui de um estranho.

Judeu Errante - De um estranho, pode dizê-lo.

Guilherme - Com efeito... não temos a honra de conhecer o cavalheiro. Mas não será o novo hóspede?... A Menina Adelaidinha disse-nos que ia ter um novo hóspede.¹⁰⁶

Judeu Errante - E os senhores um novo¹⁰⁷ companheiro, com quem esperava estabelecessem as melhores relações. Nesta casa houvera sempre paz e concórdia, respeito mútuo, e certamente não seria o novo hóspede que viria provocar a discórdia e o desentendimento. Era um homem educado, respeitável de todos os pontos de vista, - o hóspede ideal para uma pequena pensão que¹⁰⁸ antes devemos considerar uma casa de família...

Guilherme - É notável! Foi precisamente o que ela disse.

Judeu Errante - Pois foi precisamente o que ela disse.

Guilherme - O senhor ouviu-a?

Judeu Errante - Não.

Guilherme - Conhece-a¹⁰⁹, não é?

Judeu Errante - Já lhe falei¹¹⁰.

Guilherme - Depressa ficou a conhecê-la.

Judeu Errante - Tenho uma longa experiência dos seres humanos¹¹¹. Longa, longa! *(com um suspiro:)* extraordinariamente longa! Não me é preciso muito

¹⁰¹ <a janela> [as vidraças]

¹⁰² <devagar> [lentamente]

¹⁰³ <José Vicente> [Guilherme]

¹⁰⁴ <a sua> [essa]

¹⁰⁵ <Não> [Na]

¹⁰⁶ <...> [.]

¹⁰⁷ novo <dos> companheiro,

¹⁰⁸ que <é afinal uma casa de família> [antes devemos considerar uma casa de família...]

¹⁰⁹ <Mas c> [C]onhece-a

¹¹⁰ Já [lhe]falei <com ela.>.

¹¹¹ <homens> [seres humanos]

para conhecer cada novo exemplar humano que me apareça: Já conheci sempre um idêntico.

Guilherme (divertido, irónico) - Muito curioso. Tanto mais que o senhor nem sequer parece velho.

Judeu Errante - Pois sou. Muitíssimo velho. Incontestavelmente, o homem mais velho da terra.

Guilherme - Continua a ser muito curioso. (*voltando-se para José Vicente:*) O cavalheiro é divertido, não achas?

José Vicente - Acho. E creio que também se diverte à nossa custa. Eu é que não estou hoje muito disposto¹¹² a divertir-me com senhores divertidos.

Judeu Errante (voltando-se para ele) - Cá está o literato: diverte, divertir-me, divertidos.

José Vicente - ¹¹³ Não precisa de recorrer à sua longuíssima experiência para saber que sou um literato. O senhor aproveitou-se de mal termos dado pela sua presença: ouviu a nossa conversa, já sabe que escrevo peças.

Judeu Errante - Que não são aceites.

José Vicente - Que ainda não são aceites.

Judeu Errante - Mais um génio incompreendido!

José Vicente - Precisamente: mais um génio incompreendido.

Judeu Errante - O meu amigo não é modesto.

José Vicente - Não, não sou modesto. Aliás, não dá hoje grande rendimento ser-se modesto. A imodéstia e o reclame é que triunfam.

Judeu Errante - O meu amigo ainda não triunfou.

José Vicente - Ainda não. A imodéstia só por si, não basta. Faltam-me possibilidades para desenvolver a máquina do reclame. E peço licença para lhe observar que também ainda não somos amigos.

Judeu Errante - Peço perdão de me ter antecipado tratando-o por amigo. Julgava eu que era um tratamento... amigável.

José Vicente - Nem sequer nos conhecemos.

Judeu Errante - Vamos ser companheiros de casa, não é verdade?

*Guilherme*¹¹⁴ (*intervindo*) - O meu amigo *José Vicente*, jornalista e futuro grande autor dramático, está hoje irritável por motivos que o cavalheiro já conhece. Eu, seu único amigo na sua própria opinião, frequento a Faculdade de Letras à custa de explicações mal pagas. Também me preparo para crítico literário.

Judeu Errante - É essa a sua vocação, a crítica?

¹¹² muito <bem> disposto

¹¹³ <J>

¹¹⁴ <—> [(intervindo) —]

Guilherme - Se tenho alguma, é. Mas o cavalheiro já deve saber que sim. Até já o ouviu dizer.¹¹⁵ E além disso, recorrendo à sua intuição desenvolvida pela sua extraordinária experiência...

Judeu Errante - Sim, pois está claro: eu¹¹⁶ já o sabia. Melancólica vocação, a crítica!

Guilherme - Bem:¹¹⁷ já estamos apresentados, o meu amigo e eu.

Judeu Errante - E convidam-me a também me apresentar, não é? Pois tenham paciência, meus amigos. Ah, desculpem!¹¹⁸ lá volto eu ao mesmo tratamento. Já é uma espécie de tique. Tanto mais que entre os humanos¹¹⁹ já isso não significa nada, tratem-se por amigos.

Guilherme - Melancólica vocação, a crítica! Não será o cavalheiro também inclinada a ela?

Judeu Errante - Inclinado a tudo e¹²⁰ desprendido de tudo. Já devem ter notado que também não sou modesto. Eis um princípio de apresentação. Não tarda aí a Menina Adelaidinha, que me apresentará tal qual me apresentei ou me apresentaram na sua casa.

Guilherme - Quer dizer que fora de esta casa...

Judeu Errante - Fora de esta casa e de esta comédia...¹²¹ assim como até dentro de esta casa e de esta comédia... Mas perdão: ainda não é ocasião de verdadeiramente me apresentar. Demais¹²² nem seria muito hábil, à personagem misteriosa desvendar o seu mistério logo no princípio da comédia.

Guilherme - Qual comédia?

Judeu Errante - Não estamos representando uma pequena comédia?

José Vicente - Por mim, acho que nem isso. Estamos simplesmente¹²³ a perder tempo.

Judeu Errante - E por mim, não me é possível perder tempo nem¹²⁴ ganhá-lo. Os senhores é que sim.

José Vicente - Julga-se fora do tempo?

Judeu Errante - Pouco mais ou menos.

¹¹⁵ <Não lho disse> [Até já o ouviu dizer.] <Demais,> [E além disso,]

¹¹⁶ <Eu> [eu]

¹¹⁷ Bem<,> [:] <nós dois>

¹¹⁸ <perdão> [desculpem!]

¹¹⁹ <Demais, entre> [Tanto mais que entre]os <homens> [humanos]

¹²⁰ e <já>

¹²¹ <Mas perdão: Assim> [assim]

¹²² <Aliás> [Demais]

¹²³ <mas é> [simplesmente]

¹²⁴ <tampouco> [<ou>] [nem]

Guilherme (declamando) - Novo foco¹²⁵ sobre a personagem misteriosa!¹²⁶ Novo dado para a sua apresentação completa. Nem por isso as brumas e sombras se romperam, se é que se não adensaram. O mistério continua...

Judeu Errante - O mistério continua sempre. (*volta-se um pouco de lado*) Aí vem a *Menina Adelaidinha*.

¹²⁵ Nov<o dado> [<a luz>] [o foco]

¹²⁶ misteriosa<, suponho> [!]